

Juventude e sucessão cooperativista: Estratégias de fortalecimento das cooperativas da agricultura familiar na Bahia

Youth and cooperative succession: Strategies for strengthening family farming cooperatives in Bahia.

Vinícius de Jesus Ferreira

Doutorando e Mestre em Extensão Rural pelo Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria, Rio Grande do Sul (RS) Brasil

Vitor Kochhann Reisdorfer

Doctorado en Administración, pela Universidad Nacional de Misiones, UNAM. Professor Associado da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) Santa Maria, Rio Grande do Sul (RS) Brasil

Daiane Loreto de Vargas

Doutora em Extensão Rural pela Universidade Federal de Santa Maria. Docente da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) Santa Maria, Rio Grande do Sul (RS) Brasil

GT 06. Cooperativismo, associativismo e demais ações coletivas no meio rural (SOBER)

Resumo: Este estudo tem como objetivo central apresentar a importância dos (as) jovens para a continuidade das atividades realizadas pelas cooperativas, para isso, será apresentado os procedimentos necessários para o alcance da sucessão no cooperativismo do ramo agropecuário. Metodologicamente, esta pesquisa é descrita como uma pesquisa quantitativa baseada nas bases de dados divulgadas pelo Censo Agropecuário de 2017 (IBGE, 2019), onde realizamos uma seleção de um conjunto de variáveis que permitem caracterizar os (as) jovens agricultores familiares do estado da Bahia e seus respectivos estabelecimentos, para contribuir com as reflexões realizamos uma revisão de literatura aprofundada, onde apresentamos abordagens teóricas de diversos estudos que dialogam sobre a sucessão no campo do cooperativismo e os desafios enfrentados pelos (as) jovens da agricultura familiar para a sua permanência nas comunidades rurais. Diante deste cenário conclui-se que para se discutir sucessão cooperativista é necessário compreender a realidade dos desafios que são enfrentadas pelas cooperativas, para além das características de onde estas cooperativas estão inseridas, pois para que o desenvolvimento seja ele local, como territorial, é necessário um planejamento estratégico dos (as) representantes para motivar os (as) jovens a serem sucessores e representantes do cooperativismo e serem protagonistas do desenvolvimento.

Palavras-chave: cooperativismo, continuidade, planejamento estratégico.

Abstract: This study aims to present the importance of young people for the continuity of activities carried out by cooperatives. To this end, it will present the necessary procedures for achieving succession in agricultural cooperatives. Methodologically, this research is described as a quantitative study based on data released by the 2017 Agricultural Census (IBGE, 2019), where we selected a set of variables that allow us to characterize young family farmers in the state of Bahia and their respective establishments. To contribute to the reflections, we conducted an in-depth literature review, presenting theoretical approaches from various studies that discuss succession in the field of cooperativism and the challenges faced by young family farmers for their permanence in rural communities. Given this scenario, it can be concluded that to discuss cooperative succession, it is necessary to understand the reality of the challenges faced by cooperatives, beyond the characteristics of where these

cooperatives are located. For development to occur, whether locally or territorially, strategic planning by representatives is necessary to motivate young people to become successors and representatives of the cooperative movement and to be protagonists of development.

Keywords: cooperative movement, continuity, strategic planning.

1. Introdução

Os (as) jovens agricultores (as) familiares, sabidamente, enfrentam diversos desafios para a permanência no meio rural. Como consequência, o êxodo rural tem gerado grandes impactos na agricultura familiar por falta de sucessores. Conforme apontam vários pesquisadores como: Ferreira; Leone (2024); Breitenbach; Troian, (2020); Weisheimer, (2019); Sander (2010), a juventude rural apresenta-se como possibilidade de reprodução social da agricultura familiar, principalmente no que se refere aos aspectos da sucessão dos estabelecimentos familiares e das cooperativas agropecuárias inseridas nas comunidades onde esses jovens residem, pois eles (as) podem contribuir para o fortalecimento das atividades que são desenvolvidas na agricultura e pelas cooperativas. Porém, para que isso aconteça, infere-se que os (as) jovens precisam ser vistos ou notados pelos (as) agricultores (as) familiares que representam os estabelecimentos e pelos (as) gestores (as) das cooperativas e lideranças comunitárias, como pessoas indissociáveis do propósito da continuidade das atividades desenvolvidas na agricultura familiar.

As juventudes rurais, embora compartilhem elementos comuns, não constituem um todo homogêneo, pois os jovens estão inseridos em redes de relações familiares, de produção, de dominação, de hierarquização, de diferenciação social e de jogos de interesses e desejos. (Marin, 2019, p. 53)

É a partir das reflexões apresentadas Marin (2019) que compreendemos que a juventude rural pode ser analisada a partir das particularidades do conjunto de relações tecidas em seus tempos e espaços sociais, dos processos de socialização, dos investimentos para enquadramento institucional dos (as) jovens, das múltiplas formas de inserção socioeconômicas, das relações de gênero, bem como dos próprios parâmetros que os (as) jovens constroem da realidade, de suas práticas e visões do mundo. Portanto, a partir das análises apontadas pelo autor, pode-se refletir que este público terá uma maior visibilidade e poderá ser analisada de acordo com a necessidade de cada estudo.

É baseada nestas reflexões anteriores, que este estudo tem como principal foco de análise a juventude, porém não qualquer jovem e sim aqueles que são pertencentes a agricultura familiar, aqueles que sempre enfrentaram inúmeros desafios para a permanência em suas comunidades rurais, com isso apresentamos o papel das cooperativas agropecuárias para a permanência dos jovens em suas comunidades, refletindo quais estratégias podem ser adotadas pelas mesmas para a sucessão cooperativista.

A preocupação com questões como desigualdade social, melhores condições de trabalho, acesso a direitos e qualidade de vida, mobiliza grupos de trabalhadores que a partir das mudanças ocorridas junto a Revolução Industrial, veem nas cooperativas alternativas para um sistema socioeconômico que desde então reproduz esses problemas. Tal preocupação e interesse pela comunidade enquanto princípio do cooperativismo oportuniza a criação de redes e relações com o debate sobre problemas socioambientais e projetos de desenvolvimento, temáticas que emergem mundialmente em 1960, ganhando debate público e político, reverberando até os dias atuais em ações, programas e políticas. (Fischer, Rocha e Umpierre, 2024, p. 2).

As reflexões destacadas no estudo realizado por Ferreira (2025) demonstraram que as cooperativas agropecuárias podem ser fundamentais para a superação das desigualdades que são enfrentadas nas comunidades rurais, além de poderem atuar como principais ferramentas para contribuir para a sucessão nos estabelecimentos familiares e nas cooperativas, contribuindo para que haja uma maior presença dos (as) jovens nestes ambientes, assim como nos conselhos de administração e no quadro social das cooperativas.

A pesquisa de Fischer, Rocha, Umpierre (2024) destacam que as cooperativas têm representado uma importante estratégia para a organização dos (as) agricultores (as) da agricultura familiar, na qual a família constitui as condições necessárias para manutenção da unidade de produção, pois é através das cooperativas que os (as) agricultores (as) conseguem mitigar e superar os desafios que são enfrentados no meio rural.

O problema de pesquisa adotado para a construção desta pesquisa pode ser sintetizado no seguinte questionamento: Quais caminhos devem ser adotados para o alcance da sucessão no ambiente de atuação das cooperativas rurais?

Baseado nesta pergunta norteadora que este estudo tem como objetivo apresentar a importância dos (as) jovens para a continuidade das atividades realizadas pelas cooperativas, apresentando os procedimentos necessários para o alcance da sucessão no cooperativismo agropecuário.

Além desta introdução, este artigo está dividido em mais quatro seções, na seção dois apresentamos os procedimentos Metodológicos adotados para a realização da pesquisa, na seção três destaca-se uma breve caracterização dos(as) jovens agricultores (as) familiares da Bahia através dos dados do censo agropecuário de 2017, na quarta seção apresentamos um diálogo referente a juventude e sucessão no cooperativismo, finalizando este estudo com as considerações finais deste estudo

2. Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa é caracterizada como uma pesquisa quantitativa baseada nas bases de dados divulgadas pelo Censo Agropecuário de 2017 (IBGE, 2019)¹, onde realizamos uma seleção de um conjunto de variáveis que permitem caracterizar os (as) jovens agricultores familiares do estado da Bahia e seus respectivos estabelecimentos, tais como: i) sexo dos (as) jovens agricultores (as); ii) cor ou raça dos (as) jovens agricultores (as); iii) condição dos (as) jovens agricultores/as familiares em relação às suas terras; iv) orientação técnica recebida; v) escolaridade dos (as) jovens agricultores (as).

Realizamos nesta pesquisa uma revisão teórica aprofundada, onde apresenta-se abordagens teóricas de diversos estudos que dialogam sobre a sucessão cooperativista e os desafios enfrentados pelos (as) jovens da agricultura familiar para a permanência no meio rural.

Para a construção do artigo, inicialmente, escolhemos os artigos e materiais acadêmicos que estão ligados à temática deste estudo, em seguida, agrupamos esses materiais e separamos por tema, onde posteriormente, desenvolvemos a base teórica e as considerações que são apresentadas neste trabalho. Para a construção teórica elaborada neste artigo, realizamos uma busca em sites indexadores de periódicos científicos como Google Acadêmico, repositórios institucionais de universidades dentre, outros em busca de artigos acadêmicos. Também se utilizou como fonte de pesquisa livros, trabalhos de conclusão de curso, dentre outras fontes de estudos que estão relacionados ao cooperativismo agropecuário, juventude rural, sucessão cooperativista e diferentes formas de desenvolvimento.

¹ Embora o estatuto da juventude defina o público jovem aqueles que têm entre 15 e 29 anos, o Censo Agropecuário de 2017 considera juventude as pessoas com menos de 25 anos até quem tem menos de 35 anos. Por causa da abordagem metodológica adotada pelo IBGE em 2019, decidimos ampliar esse grupo de idade para contribuir com as reflexões teóricas que apresentamos neste estudo.

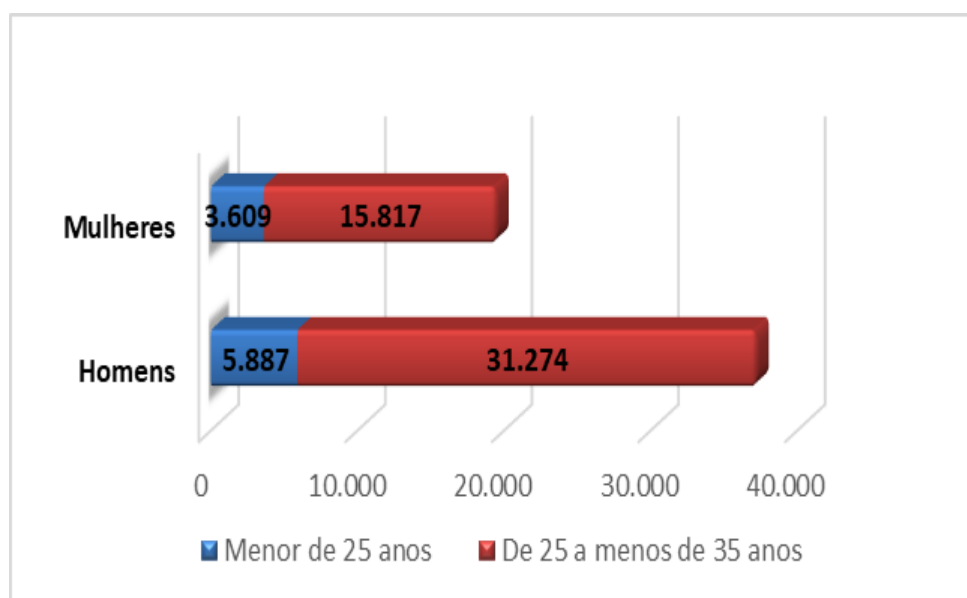
3. Caracterização dos(as) jovens agricultores (as) familiares da Bahia

Os (as) jovens agricultores familiares são caracterizados por serem membros que participam dos processos de socialização e divisão dos trabalhos agrícolas que são realizados pelas famílias que vivem da agricultura familiar. Porém, esta categoria ainda enfrenta inúmeros desafios para a permanência no meio rural, tais como a baixa remuneração pelas atividades desempenhadas nos estabelecimentos, problemas fundiários, como a questão da falta de terra para trabalhar, invisibilidade, falta de reconhecimento e a dificuldade no acesso a créditos, entre outros fatores.

Weisheimer (2019) argumenta em seu estudo que os jovens que são caracterizados como agricultores familiares, definitivamente, são conceitualizados como uma categoria social que surgiu no contexto da socialização do processo de trabalho familiar agrícola, sendo caracterizados por uma baixa autonomia material e também pela socialização no processo do trabalho familiar.

Quanto ao sexo dos jovens caracterizados como agricultores familiares no estado da Bahia, o Gráfico 1 apresenta tal distribuição.

Gráfico 1 – Sexo dos (as) jovens agricultores (as) familiares na Bahia



Fonte: Censo Agropecuário de 2017 (IBGE, 2019).

Ao analisar o número dos/as jovens que são menores de 25 anos, o Censo Agropecuário destaca que 62% são homens e 38% são mulheres. Já os que possuem entre 25 a menos de 35 anos, 66% são homens e 34% mulheres.

Se tratando da migração, entre as mulheres jovens esta é ainda mais elevada, pois, as mulheres que residem no meio rural sempre foram menos valorizadas que os homens. Por tal motivo, estas sempre procuram por qualificação, aperfeiçoando sua escolaridade e optam por trabalhos fora do meio rural (Tiherrro e Picolotto, 2022).

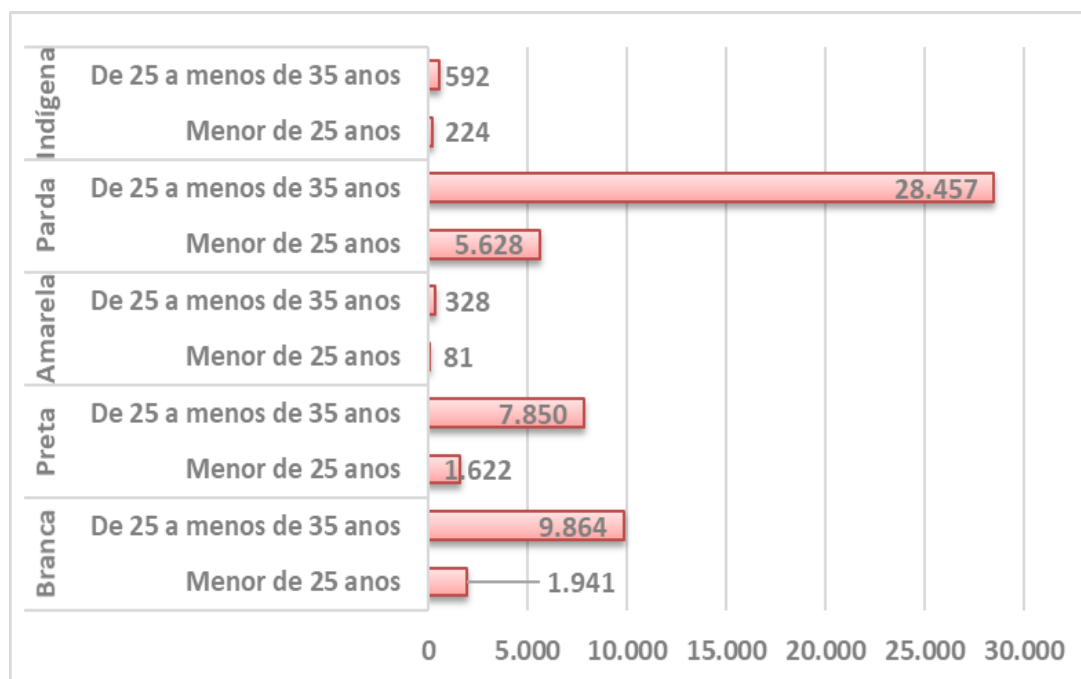
Silva, *et al.* (2022) destacam alguns fatores que contribuem para a desmotivação dos/as jovens para se manterem no meio rural, como o caso da desvalorização da sua mão de obra e a falta de apoio às mulheres jovens, fatores que causam grande impacto no campo, principalmente em relação a predominância masculina na agricultura familiar.

Um estudo realizado por Spanevello, *et al.* (2011) reafirma as análises destacadas acima. Os autores destacam que o êxodo rural tem sido uma realidade frequente no campo e tem afetado, especialmente, as mulheres, uma vez que essas estão mais voltadas para os estudos e para o trabalho urbano, no âmbito das perspectivas profissionais. Sendo assim, esses fatores têm contribuído para uma maior emigração das mulheres.

Breitenbach e Troian (2020) constataram por meio de sua pesquisa algo que é destacado em diversos estudos, os quais evidenciam que os homens jovens têm um desejo maior em permanecer no campo e possuem interesse em serem sucessores das propriedades, comparativamente as mulheres jovens. Tal fato indica as diferenças de preferências, porém o que é percebido como sendo comum, é de que os jovens com menos área de terra têm menos interesse em serem sucessores, assim como fatores que estão relacionados aos contextos emocionais, de relacionamentos familiares e comunitários prevalecem e contribuem para que haja o desejo de vários jovens em permanecerem no meio rural.

Quanto à cor/raça dos jovens caracterizados como agricultores familiares do estado da Bahia, o Gráfico 2, em sequência, apresenta os resultados.

Gráfico 2 – Cor/raça dos (as) jovens agricultores familiares da Bahia



Fonte: Censo Agropecuário de 2017 (IBGE, 2019).

Atualmente, várias pesquisas discutem sobre cor/raça, principalmente para análise das desigualdades enfrentadas pelas pessoas que residem nos espaços rurais. Levando em consideração que o Censo Agropecuário de 2017 destacou que a maior parte dos/as jovens do estado da Bahia se autodeclararam negros, pois 59% dos menores de 25 anos são pardos/as e 17% pretos/as. Aqueles que se definiram como brancos somaram 21%, restando apenas 2% para os indígenas e 1% amarelo. Entre aqueles que possuem de 25 a menos de 35 anos os resultados não são diferentes, pois 17 % definiram sua cor/raça como preta e 60% pardos/as. Por fim, os que se declararam branco somam 21%, apenas 1% são indígenas e 1% são amarelos.

A escolaridade possui grande importância na contribuição e na valorização dos jovens rurais pois, além do fortalecimento da identidade e da consciência e para a participação na sociedade, por meio de uma formação qualificada os jovens poderão contribuir com o gerenciamento das atividades desenvolvidas nas propriedades de suas famílias.

De acordo com os apontamentos destacados no estudo de Folmer, *et al.* (2025), a educação tem uma função crucial na formação de pessoas e na estruturação de sociedades,

servindo como um componente essencial para estabelecer relações sustentáveis entre as pessoas e o meio em que estes vivem. Diante das reflexões apontadas pelos autores, é possível constatar que a educação é contextualizada como uma ferramenta essencial para a valorização da zona rural, além de contribuir para a permanência dos/as jovens em suas comunidades rurais de maneira justa.

A escolaridade é fundamental para o desenvolvimento das atividades desenvolvidas pelos jovens nos espaços rurais. Ao concluir o ensino médio, os/as jovens já terão condições para realizar as atividades administrativas diante dos estabelecimentos. De acordo com o Censo Agropecuário de 2017, entre os menores de 25 anos, 24% afirmaram possuir o ensino médio regular ou 2º grau. Contudo, aqueles/as que estão entre 25 a menos de 35 anos, 17% afirmaram possuir ensino médio regular ou 2º grau.

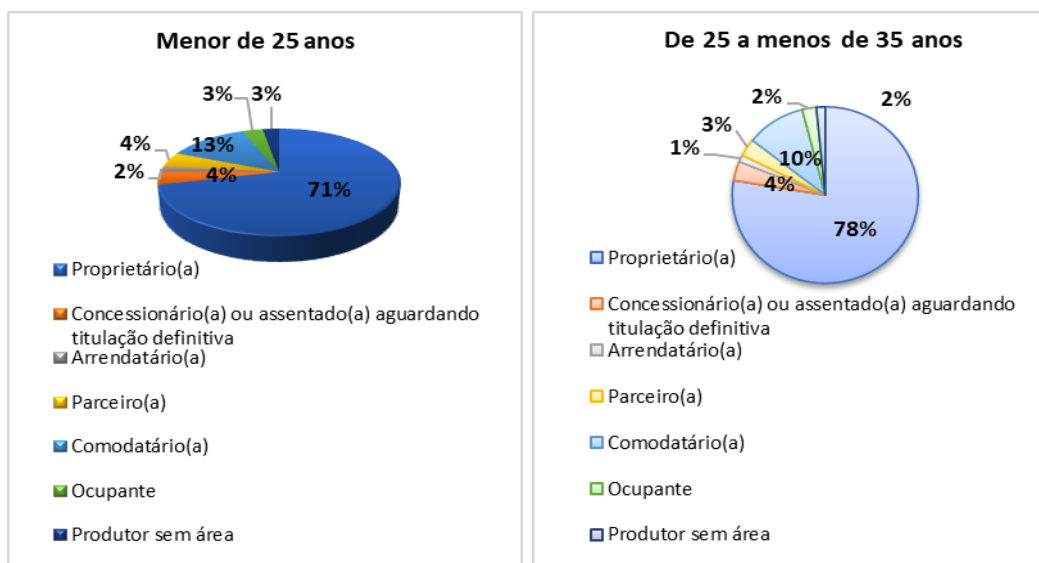
Os dados do Censo Agropecuário de 2017 contribuem para análises referentes à formação e ao futuro desses jovens que estão presentes no meio rural, além da gestão, tanto dos empreendimentos familiares como das cooperativas, pois uma boa escolaridade é o caminho para o alcance de resultados positivos nas ações desenvolvidas na agricultura familiar.

Nesse sentido, cabe destacar as instituições de ensino público e particular existentes na Bahia, desde as universidades/faculdades, institutos federais e escolas técnicas, os quais têm contribuído de maneira significativa nas formações profissionais dos jovens filhos de agricultores familiares no estado. A realidade da vida do autor desta pesquisa é a prova de que a educação pode transformar a vida dos jovens da agricultura familiar.

De acordo com as abordagens apresentadas por Ferreira (2024), as ações que são voltadas para contribuir com a educação profissional no meio rural são imprescindíveis no alcance dos desafios que são enfrentados pelos jovens no meio rural. A partir da formação profissional este público pode, de maneira positiva, promover o desenvolvimento comunitário e por meio do alcance de recursos financeiros, os jovens podem alcançar melhores condições de vida no meio rural, conforme destaca o autor, os empreendimentos cooperativos podem adotar novas estratégias para que os jovens alcancem essa formação profissional no campo.

Quanto às condições dos jovens agricultores familiares na Bahia em relação às suas terras, o gráfico 3 e 4 em sequência, apresenta os dados referentes a esta informação.

Gráfico 3 e 4– Condição dos (as) jovens agricultores (as) familiares na Bahia em relação às suas terras



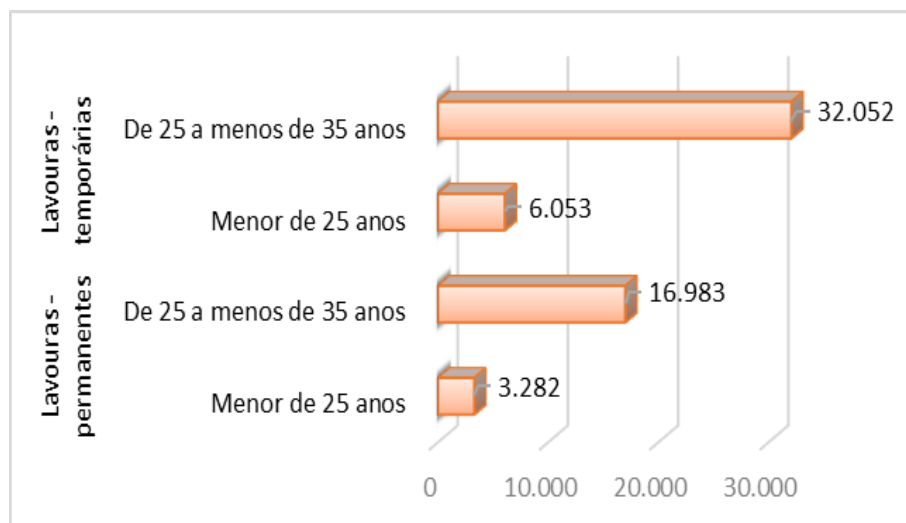
Fonte: Censo Agropecuário de 2017 (IBGE, 2019).

Conforme os dados do censo agropecuário 2017 os (as) jovens menores de 25 anos e os de 25 a menos de 35 anos a maioria, em ambas as faixas etárias, são proprietários das próprias terras. Contudo, não podemos deixar de analisar a quantidade de assentados e produtores sem área, uma vez que estes não dispõem de terras para realizar sua produção no campo, o que, de certo modo, acaba interferindo na questão fundiária do país.

Quanto às áreas disponíveis para a produção dos estabelecimentos familiares dos jovens no estado da Bahia, essas apresentam tamanhos muito reduzidos, o que, consequentemente, deve impactar no volume da produção que são oriundas dessas terras. O Censo Agropecuário de 2017 aponta que entre os menores de 25 anos, a maioria tem até 5 hectares, ou seja, 73% deles. Assim, como entre aqueles de 25 a menos de 35 anos, os jovens destacaram ter até 5 hectares, equivalente a 66%.

Os tipos de lavouras executadas pelos (as) jovens agricultores familiares no estado da Bahia é uma das variáveis utilizadas neste estudo. O Gráfico 5, em sequência, demonstra as lavouras adotadas pelos (as) jovens na agricultura familiar baiana.

Gráfico 5 – Tipos de lavouras executadas pelos/as jovens agricultores/as familiares na Bahia



Fonte: Censo Agropecuário de 2017 (IBGE, 2019).

Quando analisamos o modelo de produção realizado pelos jovens do estado da Bahia, as lavouras temporárias e permanentes possuem a mesma expressividade em percentualidade, tanto para os menores de 25 anos como para os possuem a idade de 25 a menos de 35 anos, sendo que as temporárias são destaque no estado para ambas as faixas etárias, com 65%, seguido pelas lavouras permanentes, com 35%.

De acordo com Ferreira e Anjos (2022) as lavouras temporárias podem e contribuem com maior facilidade na permanência dos jovens nos estabelecimentos familiares, pois os resultados dos trabalhos são rápidos, com isso os/as jovens podem conseguir retorno com menos tempos que as lavouras permanentes, pois teriam de esperar para iniciar a produção por anos e, quando começam, geralmente, a produção acontece uma ou duas vezes ao ano, tudo dependerá da forma e manejo de cultivo que é realizado no estabelecimento familiar.

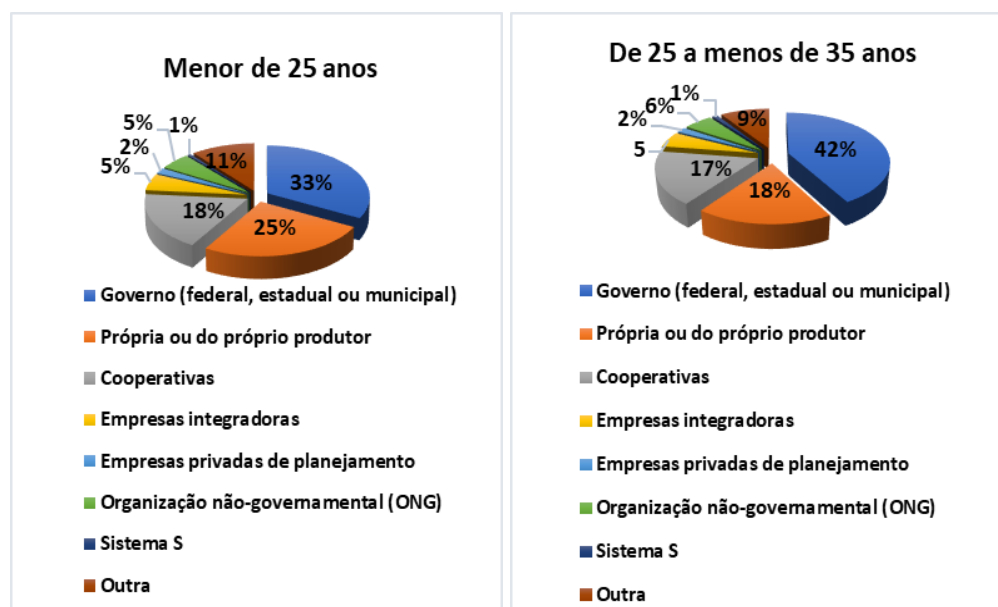
Os serviços de assistência técnica referem-se a uma atividade oferecida para solucionar qualquer tipo de dúvida ou problema que são enfrentados pelos agricultores familiares em relação a todos os processos de produção, desde o plantio a inserção dos produtos inseridos no mercado garantindo, assim, a eficiência e segurança tanto para os agricultores com para os consumidores. Analisar como essas atividades são ofertadas para os/as jovens contribui para a verificação de como estes jovens têm enfrentado os desafios na agricultura.

Assim como diversas outras atividades desenvolvidas no meio rural, a assistência técnica desenvolve um papel fundamental nas ações desenvolvidas pelos agricultores no campo. Porém, no estado da Bahia esses resultados não são animadores uma vez que entre os jovens menores de 25 anos, apenas 623, o que equivale a uma porcentagem de 7% destacaram receber assistência técnica, enquanto 8.873 (93 %), não receberam e pode ser que não recebam.

Dos/as que estão inseridos na faixa etária de 25 a menos de 35 anos, apenas 3.590 (8%) receberam assistência técnica e uma quantidade de 43.501 (92%) afirmaram não receber, o que demonstra o quanto é desafiador se jovem agricultor e decidir permanecer no campo, quando até a possibilidade de assistência técnica para melhorar sua produção ou as atividades realizadas ainda é muito incipiente.

Por mais que seja em números muito baixos, analisar quem prestam essa assistência contribuirá para as reflexões adotadas neste estudo. Para dar continuidade a essa reflexão, os gráficos 6 e 7 em sequência, revelam os principais prestadores de assistência técnica aos jovens da Bahia.

Gráfico 6 e 7 – Entidades que prestaram assistência técnica aos jovens agricultores (as) familiares na Bahia



Fonte: Censo Agropecuário de 2017 (IBGE, 2019).

Nesse sentido, torna-se importante destacar a importância da assistência técnica pública prestada aos jovens da Bahia. Em relação aos menores de 25 anos somaram, esses somaram 33%. Já os que possuem de 25 a menos de 35 anos, observa-se um percentual de 42%, os quais atribuíram sua orientação ao governo, seja no âmbito federal, estadual ou municipal, sendo estes os maiores percentuais destacados pelo censo de 2017. Porém, cabe destacar neste estudo a importância das cooperativas na prestação de ATER, em que os menores de 25 anos somaram 18% e os que possuem de 25 a menos de 35 anos um percentual de 17%.

A descrição das variáveis do Censo Agropecuário de 2017 e as abordagens de alguns autores, as quais foram apresentadas nesta seção, contribuíram para traçar um panorama das condições socioeconômicas dos/as jovens agricultores familiares no estado da Bahia.

4. Uma abordagem sobre a juventude e sucessão no cooperativismo

Nesta seção apresentamos reflexões de pesquisadores que estudam a questão da sucessão cooperativista, destacando avanços e desafios que são enfrentados pelas cooperativas da agricultura familiar para o alcance de uma presença maior de jovens no campo do cooperativismo.

“incluir jovens nas cooperativas é uma ótima forma de promover o movimento cooperativista na sociedade. Aliás, por meio dessa inclusão, pode ser aplicado o quinto princípio cooperativista: educação, formação e informação”. (Sebrae, 2022, p. 12).

Nesse critério, Maldaner e Kieling (2019) destacam em sua pesquisa reflexões fundamentais para este estudo ao apontarem que quanto mais forte forem as crenças e sentimentos sobre o cooperativismo em todas as gerações das famílias e quanto maior for a aproximação da cooperativa com seus cooperados (as), poderá ser alcançados diversos resultados positivos principalmente em um ambiente onde existem fortes concorrências com empresas privadas, mais facilmente o espírito do Cooperativismo é transferido para as próximas gerações, podendo assim gerar um futuro promissor para as cooperativas agropecuárias, principalmente da agricultura familiar que lutam para o alcance das desigualdades sociais e enfrentam a falta de jovens para assumirem cargos da diretoria ou se inserirem no quadro de associados (as).

Nas cooperativas, a participação coletiva deve ser incentivada gradualmente. O conceito básico de participação inclui a participação financeira, como por meio da venda e entrega de

produtos, e a utilização da assistência técnica e dos serviços oferecidos pela cooperativa. No entanto, queremos enfatizar um nível mais amplo de participação: o envolvimento direto e sistemático no processo de tomada de decisões e na gestão da cooperativa; chamamos isso de participação social (Ferreira e Silva, 2015).

Partindo dessa premissa, torna-se essencial deve-se dialogar que a participação deve, em última instância, atingir o nível social; embora esse processo seja mais lento, ele produz resultados coletivos duradouros resultados que beneficiam todos os membros. Visto que as cooperativas precisam demonstrar claramente para todos (as) membros (as) que a participação de todos (as) é crucial (Ferreira e Silva, 2015).

Ferreira e Silva (2015) dialogam que por estar centrado na autogestão, a qual por si só demanda uma participação efetiva de seus membros, o movimento cooperativista precisa estar apto a novas mudanças e se adequar às atuais.

Diante desse cenário, através dos apontamentos de Ferreira e Silva (2015) ressalta-se que quando o cooperado participa mais ativamente das atividades que são propostas pela cooperativa, quer seja nos contextos econômicos, como no social ou até mesmo no processo decisório, de certa forma estará valorizando essa relação a partir da distribuição proporcional dos resultados e do poder de voz e, sobretudo, no voto e tomadas de decisões do empreendimento, já que estas etapas são fundamentais para o desenvolvimento do cooperativismo e a participação dos (as) jovens de certa forma será fundamental para aquisição de conhecimentos sobre como realizar uma gestão eficiente.

Não apenas o sucessor precisa estar preparado para assumir esse papel, portanto a família deve estar pronta para esta realidade, no entanto as cooperativas devem se tornar uma ferramenta essencial para auxiliar as famílias, incentivando as trocas de diálogos que devem ocorrer entre as gerações e demonstrando para os seus cooperados a importância do preparo do sucessor, pois estas contribuições serão algo fundamental para o planejamento eficiente para continuidade das atividades que são desenvolvidas pelas cooperativas, assim como pelos estabelecimentos familiares (Boessio e Doula, 2017).

Figura 1- Ações que podem ser adotadas pelas cooperativas para motivar os jovens a se inserir no quadro social e conselho de administração.



Fonte: Elaborado pelos autores, através da pesquisa bibliográfica, (2026).

Conforme é apresentado na figura 2, através da nuvem de palavras vários são os caminhos que podem ser adotados pelas cooperativas para a inserção dos jovens tanto com quadro social como no conselho de administração, portanto para que isso ocorra as cooperativas deve, criar um planejamento estratégico a partir de ações que venham a valorizar e motivar os/as jovens, propor atividades que tenha retornos financeiros também é fundamental para a manutenção dos (as) jovens no campo desta forma este público terá uma maior autonomia para decidir participar da cooperativa e até mesmo assumindo cargos de poder.

As reflexões apresentadas por Rossés (2015), dialoga com as informações apresentadas na nuvem de palavras, ao destacar em seu estudo que o planejamento atua como uma locomotiva que puxa o trem de ações de organizar, dirigir e controlar, pois conforme é apresentada pelo autor, sem o planejamento, de certa forma não há condições de organizar as pessoas e os recursos, onde acaba podendo até não ter uma ideia clara sobre o que de certa forma necessita se organizar, por isso a necessidade de planejar todas as atividades que forem serem realizadas pelas cooperativas.

Neste sentido, Rossés (2015) ainda destaca em seu estudo que o planejamento se torna relevante à medida que sua falta cria barreiras e impede a liderança com confiança, ou ainda, impede os seguidores que desenvolvam atividades que agreguem valor para a organização, deixando evidente no seu estudo que nenhum empreendimento como as cooperativas que são o fruto de análise desta pesquisa se desenvolverá sem que haja o planejamento.

As reflexões de Zambiasi (2023) reafirmam as reflexões apresentadas anteriormente ao pontuar que o tema da sucessão é pertinente de ser trabalhado não somente para as empresas familiares rurais, mas para a continuidade das comunidades, associações locais, cooperativas agropecuárias, entre outros empreendimentos que estão presentes nas áreas rurais, pois todos de certa forma acabam impactados caso esse processo não venha a ocorrer, e o empreendimento da família rural se perca durante o processo de transição.

No campo das pesquisas sobre sucessão na agricultura familiar, as questões de gênero emergem como aspecto central, já que as moças ocupam uma posição de subordinação no interior da hierarquia familiar, sendo que o fato de serem jovens e mulheres as situam em posição distinta dos rapazes nas atividades de trabalho da propriedade. Em decorrência disso, estes jovens acabam procurando oportunidades de trabalho em espaços urbanos, que mesmo tendo características diferentes do trabalho na agricultura, também reproduz as desigualdades de gênero (Oliveira, 2016, p. 42).

A implementação de políticas públicas, trata-se de um dos atos mais importantes para garantir que todas as ações beneficiem um determinado público-alvo e atendam efetivamente às suas necessidades, uma das etapas mais importantes é solicitar suas opiniões durante o processo de planejamento por meio de audiências públicas ou pesquisas, visando de maneira estratégica aprimorar sua compreensão das propostas e gerar maior interesse, principalmente daqueles que mais necessitam (Anjos, 2018).

Apesar dos avanços das políticas públicas nos últimos anos e das maiores oportunidades para a melhoria do padrão de vida das famílias rurais, uma das maiores preocupações dos (as) agricultores, especialmente dos (as) jovens que estão presentes em suas comunidades, está ao discutirem as vantagens da vida urbana. Conforme é apontado pelos autores o salário mensal fixo e os consequentes direitos trabalhistas estão levando alguns membros da família a optarem por deixar suas cidades natais, principalmente aqueles presentes em pequenas comunidades rurais e irem em buscas de novas oportunidades nas cidades (Kischener, Kiyota e Perondi, 2015).

As estratégias de adotar políticas públicas destinadas diretamente para juventude presentes no meio rural representam um desafio significativo, já que um dos grandes desafios dos (as) jovens, pois sem o acesso a estas políticas se torna complicado para este público permanecerem no campo, é a migração de jovens para fora das áreas rurais, e isso afeta,

inevitavelmente, as cooperativas locais, que enfrentam dificuldades devido à falta de novos líderes para dar continuidade aos trabalhos que são realizados pelas mesmas.

A figura 2 apresentada em sequência destaca seis pontos principais que estão relacionados ao fortalecimento do meio rural, onde enfatiza a importância de apoiar a juventude rural para garantir a sucessão no cooperativismo em especial da agricultura familiar, promovendo inovação, políticas adequadas que estrategicamente contribuem para o fortalecimento da agricultura familiar.

Figura 2- reflexões sobre as ações que podem contribuir para a sucessão cooperativista



Fonte: Elaborado pelos autores, através da pesquisa bibliográfica, (2026).

Um aspecto crucial que se destaca na figura 2 é o caso da necessidade das cooperativas implementar inovações e se atualizarem de acordo com as novas tecnologias que vem surgindo a cada dia, pois vivemos em um momento em que a sociedade está em contínua transformação, é fundamental modernizar-se, pois esta questão é um fator considerado essencial para atrair os jovens a motivar os (as) mesmos (as) a se envolverem nas ações propostas pelas cooperativas agropecuárias.

Contudo é possível constatar neste estudo que a assistência técnica fornecidas pelas cooperativas se torna fundamental no processo de desenvolvimento das atividades que são desenvolvidas pelas cooperativas, uma vez que consegue ensinar as pessoas a cooperar e obter

um bom relacionamento com a família de todos (as) seus cooperados (as), e com isto influenciar nas diversas decisões que são adotadas no estabelecimento da família, dentre elas, a permanência de sucessores e de maneira positiva contribuir para a manutenção do quadro social e conselho de administração das cooperativas (Maldaner e Kieling, 2019).

Ao implementar essas medidas mencionadas anteriormente, alcançaremos um aumento significativo na diversidade das comunidades rurais, especialmente com a presença de jovens nas cooperativas. Isso não apenas fortalecerá a agricultura familiar local, mas também promoverá comunidades mais diversas e valorizadas por meio da associação ao cooperativismo e à agricultura familiar.

5. Considerações finais

Este estudo objetivou apresentar a importância dos (as) jovens para a continuidade das atividades realizadas pelas cooperativas, apresentando os procedimentos necessários para o alcance da sucessão no cooperativismo do ramo agropecuário, tendo como base principal o estado da Bahia.

A pesquisa demonstrou que a sucessão cooperativista ainda é uma problemática enfrentada nos estabelecimentos familiares e consequentemente nas cooperativas, deixando evidente que o êxodo rural, tem causado vários desafios para o desenvolvimento nas áreas rurais.

Diante deste cenário, conclui-se que para se discutir sucessão cooperativista é necessário compreender a realidade dos desafios que são enfrentadas pelas cooperativas, para além das características de onde estas cooperativas estão inseridas, no entanto, torna-se fundamental compreender que para o alcance do desenvolvimento seja ele tanto local, como territorial, é necessário um planejamento estratégico dos (as) representantes para motivar os (as) jovens a serem sucessores e representantes do cooperativismo e serem protagonistas do desenvolvimento onde essas cooperativas estão inseridas.

Sem a intenção de encerrar o tema, mas sim, traçar algumas considerações, ressalta-se que é necessário novos estudos que tenham como método estudos de casos e pesquisas qualitativas que apontem a realidade enfrentadas pelas cooperativas agropecuárias e os (as) jovens da agricultura familiar do estado da Bahia.

Referências

ANJOS, E. B. **Os efeitos positivos das políticas públicas em um município do Recôncavo baiano**. Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Gestão Pública Municipal da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. São Francisco do Conde, 2018.

BOESSIO, A. T.; DOULA, S. M. **Sucessão Familiar e Cooperativismo Agropecuário Perspectivas de Famílias Cooperadas em um Estudo de Caso no Triângulo Mineiro**. Desenvolvimento em questão. Editora Unijuí, n. 40, 2017.

BREITENBACH, R.; TROIAN, A. **Permanência e sucessão no meio rural: o caso dos jovens de Santana do Livramento/RS**. Ciências Sociais Unisinos, vol. 56, núm. 1, p. 26-37, 2020.

FERREIRA, V. J. **Educação profissional como ferramenta para a valorização do jovem no espaço rural**. Revista Textura, v. 18, n. 1, p. 25-36, 27 jun. 2024.

FERREIRA, V. J. **Juventude rural e cooperativismo: análise de cenários apresentados nos estados da Bahia e Rio Grande do Sul**. Dissertação de Mestrado em Extensão Rural. Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria- RS, 2025.

FERREIRA, V. J.; ANJOS, E. G. **O associativismo rural como estratégia para a permanência da juventude no campo: uma reflexão em uma comunidade rural de Governador Mangabeira, na Bahia**. Anais III seminário internacional do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável, Marechal Cândido Rondon – PR, 23 a 26 de novembro de 2022. Disponível em:
<https://server2.midas.unioeste.br/sgev/eventos/IIISIPGDRS/anais>. Acesso em: 16 de ago. 2025.

FERREIRA, V. J.; LEONE, J. B. A. **Juventude e políticas públicas: reflexões sobre três comunidades rurais no Recôncavo Baiano**. Anais da Semana Científica do Agreste Pernambucano (V SECAP), n. 1, 2024. Disponível em:
<https://drive.google.com/file/d/1TCO4xBj0iSNGPoO0WLWcJQ7xvVCpBpRM/view>. Acesso em: 21 fev. 2025.

FERREIRA, G. M. V.; SILVA, D. F. **Educação cooperativista**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Colégio Politécnico, Rede e-Tec Brasil, 2015.

FISCHER, J.; ROCHA, L.; UMPIERRE, M. **Mobilizar e fortalecer: ações para incentivo à participação de jovens e mulheres na gestão de cooperativas da agricultura familiar**. Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XII Congresso Brasileiro de Agroecologia, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - v. 19, n. 1, 2024.

FOLMER, I., *et al.* **Educação do campo como alicerce: contribuições para a manutenção do território e da paisagem rural: um debate teórico**. Revista PPC – Políticas Públicas e Cidades, Curitiba, v.14, n.1, p. 01-11, 2025.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário 2017: resultados definitivos**. Rio de Janeiro: IBGE/SIDRA, 2019. Disponível

em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuário/censo-agropecuário-2017>. Acesso em: 13 jan. 2024.

KISCHENER, M. A.; KIYOTA, N.; PERONDI, M. A. **Sucessão geracional na agricultura familiar: lições apreendidas em duas comunidades rurais**. *Mundo agrar*. [online]. 2015, vol.16, n.33, ISSN 1515-5994.

MALDANER, G. L.; KIELING, R. I. **A Sucessão Vista sob a Ótica da Transferência da Doutrina do Cooperativismo Entre e Intra as Gerações de Famílias de Cooperados: Um Caso de Associados de Cooperativa Pleiade**, 13(29): 69-89, Jul./Dez., 2019 DOI: 10.32915/pleiade.v13i29.643.

MARIN, J. O. B. Juventudes rurais: processos sociais e temáticas de pesquisas. In: MARIN, J. O. B.; FROEHLICH, J. M. **Juventudes rurais e desenvolvimento territorial**. Editora UFSM, Santa Maria, 2019.

OLIVEIRA, F. Z. **Projetos profissionais de jovens universitárias e a reprodução da agricultura familiar: uma análise de gênero**. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico, Criciúma, 2016.

ROSSÉS, G. F. **Gestão estratégica de cooperativas**, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Colégio Politécnico: Rede e-Tec Brasil, 2015.

SANDER, C. **Juventude e participação: um processo pedagógico**. Anais do III CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 2010, São Paulo. Anais online. Associação Brasileira de Educadores Sociais (ABES), Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n3/n3a04.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2024.

SEBRAE **Diversidade e cooperativismo: construindo um movimento para todos**, 2022. Disponível em: https://sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Arquivos/ebook_diversidade-cooperativismo-construindo-um-movimento-para-todos.pdf. Acesso em: 01 de fev. 2026.

SILVA, E. T., *et al.* **O papel da juventude no fortalecimento das cooperativas da agricultura familiar**. Cadernos Macambira, I.SSN 2525-6580 -V. 7, N° especial, 2022.

SPANVELLO, R. M., *et al.* **A migração juvenil e implicações sucessórias na agricultura familiar**. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, V. 45, N° 2, 2011.

TIHERRO, R. M.; PICOLOTTO, E. L. **Persistência e migração na agricultura familiar: análise dos municípios de São Luiz Gonzaga/RS e Constantina/RS**. Revista Grifos – Unochapecó, Vol. 31, Núm. 57, 2022.

WEISHEIMER, N. **A Situação juvenil na agricultura familiar**. Editora CRV. Curitiba, 2019, 324p.

ZAMBIASI, L. S. **Sucessão x continuidade familiar rural**. V Mostra de iniciação científica “A iniciação científica e os objetivos de Desenvolvimento Sustentável” Centro de Ensino Superior Riograndense, 2023. Anais. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/vmicc2023/766077-sucessao-x-continuidade-familiar-rural/>. Acesso em: 06/03/2025.